



CASTELLO BRANCO - O OFICIAL DE ESTADO-MAIOR, O CHEFE MILITAR E O ESTADISTA

Carlos de Meira Mattos

General-de-Divisão R/1, autor de numerosos trabalhos no campo da Geopolítica, destacando-se "A Geopolítica e as Projeções do Poder" e "Projeção Mundial do Brasil". Ex-Vice-Diretor do Colégio Interamericano de Defesa, em Washington, DC, EUA.

INTRODUÇÃO

Ao ser honrado por este convite do Grêmio Marechal Castello Branco, dos alunos da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, senti-me inclinado a dar o meu testemunho pessoal de fatos e episódios que presenciei, e de alguns que participei, durante uma amizade estreita que durou 27 anos, interrompida pelo acidente lamentável de aviação que lhe roubou a vida, em julho de 1967. Meditando melhor, querendo prestar-lhe uma homenagem mais significativa, considerando tratar-se de uma palestra dirigida aos alunos desta Escola de Formação de Chefes para os mais altos escalões do Exército, preferi vir aqui lhes dizer o que, de Castello Branco pensam os seus principais biógrafos e também aqueles que, sem se poderem alistar nessa categoria, traçaram perfis nítidos de sua personalidade de Oficial de Estado-Maior, de Chefe Militar e de Estadista.

Castello Branco tem, até hoje, quatro biógrafos: Luiz Vianna Filho, membro da Academia Brasileira de Letras, ex-Governador da Bahia, e atual Presidente do Senado, lançou em 1975, uma obra notável do rol das biografias a que vem se dedicando (de Nabuco, Rui Barbosa, de Rio Branco, de Machado de Assis e José Alencar), livro que carrega a par do talento do pesquisador emérito, o testemunho de quem acompanhou o biografado no dia a dia, durante os seus 3 anos de governo; John Foster Dulles, professor de História das Universidades dos Estados Unidos do Texas e do Arizona; que já se dedicara antes à biografia de Getúlio Vargas e já havia escrito dois outros livros sobre a política brasileira; o jornalista José Wamberto, também seu auxiliar na direção do Serviço de Imprensa do Palácio do Planalto e, finalmente, a obra esta própria Escola de Comando e Estado-Maior, coordenada pelo dedicado pesquisador da história militar, o Cel. Francisco Ruas Santos; nesse livro —

"Marechal Castello Branco e seu Pensamento Militar" —, a ECEME teve a preocupação louvável de reunir imediatamente após a morte de Castello Branco, para que se não perdesse no esvoaçar do tempo, o que de mais importante havia em seus arquivos, marcando a presença brilhante de sua inteligência por este alto instituto de estudos, particularmente como Diretor de Ensino nos anos de 1946 a 1948 e depois como Comandante entre 54 e 55.

Entre aqueles que através de seus escritos oferecem-nos excelentes traços biográficos sobre a personalidade de nosso homenageado de hoje, desejo destacar o General Vernon Walters, autor da "Silent Missions", obra de sucesso nos Estados Unidos e traduzida já para o francês e português, o Marechal Mascarenhas de Moraes, seu Comandante na Força Expedicionária Brasileira, o Gen. De Gaulle (em suas opiniões citadas por Luiz Vianna Filho), os Generais Celso Daltro Santos e Octávio Pereira da Costa que, em conferências realizadas neste auditório, pelo mesmo motivo que hoje me traz aqui, marcaram aspectos notáveis dessa figura inesquecível do nosso Exército e da Nação Brasileira. Vários outros pesquisadores políticos e historiadores estrangeiros também dedicaram importantes partes de suas obras ao estudo da personalidade e da ação governamental de Castello Branco, e devemos salientar entre estes Ronald Schneider, Thomas Skidmore e Roger Fontaine (norte americanos), Georges Andrés Flechter (suíço) e Michel Schooyans (belga).

O Oficial de Estado-Maior

O Marechal Mascarenhas de Moraes, cujo nome é a maior glória do Exército contemporâneo, pois levou sob seu co-

mando e trouxe de volta ao Brasil cobertos de glória os jovens soldados que combateram ao lado de norte-americanos, ingleses e franceses e tiveram por inimigo o famoso Exército alemão, assim se expressa sobre o oficial de Estado-Maior que foi o Tenente Cel e depois Coronel Castello Branco chefe da 3ª Seção de Estado-Maior (operações) da FEB, no seu livro Memórias:

"Oficial de estado-maior. Inteligência privilegiada: lucidez e objetividade na apreensão da situação tática e estratégica; firmeza e serenidade nas situações críticas; caráter e pensamento; energia e ação; patriotismo e desambição —, são as maiores das excelsas virtudes desse modelo e guia do oficial de Estado-Maior. Foi o meu grande e emérito auxiliar no planejamento das operações e nos estudos de situação durante a Campanha da Itália. No após-guerra continuou a prestar-me eficiente e denodada colaboração".

Após este retrato intelectual e moral, "do modelo e guia de oficial de estado-maior" traçado pelo Comandante da FEB, que todos que o conhecemos o sabíamos cauteloso e medido nas suas palavras, pouco poderemos acrescentar, senão reproduzir como ele próprio, então Coronel Castello Branco, Diretor de Ensino desta Escola, imaginava que devesse ser o oficial de estado-maior do Exército Brasileiro (palavras de agradecimento à homenagem que lhe foi prestada pela turma de diplomandos da turma 1946/48).

"Mas a tarefa transformadora da turma apenas começa. Tomará vulto quando seus componentes estiverem nos postos de Estado-Maior e na tropa, lutando em benefício do Exército.

A turma deve lembrar-se, então, do pensamento de um velho soldado encar-

regado de renovar as forças criadoras de sua classe. De começo ele filosofou em torno de três coisas contra as quais o espírito humano luta em vão: a tolice dos homens, a burocracia e as fórmulas feitas. Quanto à tolice humana, reconheceu que a luta com a qual se procura vencê-la é sem esperança de vitória. Declarou-se completamente batido na luta contra a burocracia militar. E disse, porém, que empreenderia, no domínio da profissão das armas, decididamente, a luta contra as fórmulas feitas.

Essa a luta que está à espera da turma.

As fórmulas feitas, encerrando aparentemente uma legenda ou um pensamento, cobrem a ausência de idéias e a inação. Vêm a ser, por outro lado, o escudo da rotina. 'Não vos intimideis, nem recueis. Se levantarem a barreira do amor ao passado, não vos esqueçais de que a nossa tradição é, ao contrário, a base de nossa evolução e não da estagnação'.

Quebrai a fórmula de que, por um falso determinismo geográfico e histórico, só devemos estudar a chamada *guerra crioula*, com combatentes e chefes improvisados, na base da velocidade de muarés e cavalos. Demonstrei a fraqueza da fórmula de que as estradas e a rudeza dos terrenos sul-americanos paralisam os meios e dominam a vontade do homem. Vencei a fórmula da única possibilidade de guerra defensiva. Arredei a fórmula de que só se deve planejar com os recursos existentes, fazendo a demonstração de que, dessa maneira, será perpetrado o haraquiri pela própria nação. Dominei a fórmula de que a guerra será inevitavelmente no interior de nossas fronteiras. Afastai a fórmula de que a participação do Brasil numa guerra mundial é uma cogitação teórica. Removi a fórmula de

que não é para nós a batalha anfíbia e a batalha aeroterrestre.

E tereis idéias e energia para trabalhar e dar o exemplo.

Mas não façais a demolição das fórmulas feitas com obra de imaginação. Deveis preferir a visão concreta dos problemas militares em vez das sentenças abstratas dos cômodos doutrinadores de Estado-Maior. Deveis ter bem presente que um plano não tem nenhum valor próprio, e o único valor que se lhe pode atribuir é o relativo, por se relacionar com a execução. Concepção e execução só são independentes para se definir responsabilidades."

Como Diretor do Ensino desta escola, foi *seu inovador*, no dizer do General Tristão de Alencar Araripe, então Comandante. Assim analisa o Gen. Alencar Araripe o período em que o Cel. Castello Branco exerceu essas funções:

"O período de 1946-1949 pode ser encarado um período de renascimento, de renascimento e de franca evolução; encarou a Escola nesse período a necessidade urgente de aproveitar os frutos da cooperação na guerra mundial que findara e as lições que dali emanaram. Havia, nessa época, dois problemas de ordem doutrinária de suma importância: o método de raciocínio e a doutrina, organização e processos de emprego. Essa atualização foi processada através da codificação do Trabalho de Comando. Importou isso em tornar muito mais pormenorizada a análise dos fatores da decisão e em repartir a tarefa da tomada da decisão entre o Comandante e os membros do seu estado-maior."

Sabem os que conviveram com o então Cel. Castello Branco nesta Casa, nos anos citados pelo Gen. Alencar Araripe, que ele se dedicou de corpo e alma a este Trabalho de Comando, um verda-

deiro método de raciocínio para o estudo da situação e a tomada da decisão. Recém chegado, dos campos de batalha da Europa, Castello Branco procurava conciliar os ensinamentos que acolhera no convívio com outros Exércitos, outros chefes e outros estado-maiores, com as peculiaridades do homem brasileiro; por isto, na pregação do seu Trabalho de Comando inseria cotidianamente, o combate sem tréguas “à roupagem retórica do oficial de estado-maior que assim procurava encobrir a indecisão, a inação”, e também sua aversão “do gosto pelas idéias feitas”, duas falhas alienantes de “um oficial de estado-maior que deve *ser toda ação e imaginação*”.

O Chefe Militar

Abrimos este Capítulo com palavras de seu discurso ao deixar o cargo de Chefe de Estado-Maior do Exército para assumir a Presidência da República:

“Ao Exército tudo devo, minha educação, a formação do meu caráter e as habilitações que me foi dado adquirir”.

As pompas da Chefia Suprema da Nação, a que era alçado, na euforia nacional de uma Revolução vitoriosa, não ofuscaram o espírito deste Chefe Militar que sempre destacara, como qualidade de chefia fundamental, a lealdade à Nação e ao Exército. Ali naquele momento em que depositário da confiança da Nação, saía para galgar a mais alta magistratura da nação, com a modéstia e a sinceridade de um cruzado, consignava o seu preito de lealdade ao Exército.

Em suas “Reflexões sobre o Exercício do Comando” diz o então Cel Castello Branco nesta Escola:

“A palavra *Responsabilidade* deve retinir no espírito dos que aqui ingressam para encetar a tarefa de aprendizes de

estado-maior. Ela persiste aqui nos trabalhos escolares. Ela será o final na obra gigantesca dos estados-maiores e *dos Chefes de todos os escalões*, na solução dos problemas das Forças Armadas Nacionais”.

“A Responsabilidade representa bem a *mística dos Chefes* e dos Estados-Maiores.

Ela assenta as suas bases na circunspeção, na seriedade, na sinceridade de propósitos com que se encaram os problemas e sua energia com que se leva avante a solução dos mesmos e a efetivação das medidas que fortalecerão a Nação para a eventualidade da luta.

Associai esse conceito de Responsabilidade, ao de Autoridade e tereis a base do exercício do Comando.

O Comando deve possuir, como vimos, as qualidades de Chefia para exercer a sua ação de comando. As que nos referimos poderiam enfeixar-se no atributo básico da *força moral*. Mas só a *força moral* forma a base da personalidade do Chefe?

A sua autoridade não se assenta, também, em outro tipo de valor? Para se elevar a altura de suas responsabilidades não necessita, ainda, de mais um meio que enobrece a hierarquia? A autoridade funcional tem, necessariamente, a vida ao lado da força moral, isto é, a *face intelectual do chefe*, a competência profissional como se diz comumente”.

Os testemunhos das excelsas qualidades de Chefia Militar transmitidas aos instrutores e alunos desta Escola, nós as encontramos vividas em passagens citadas no livro do Gen. Vernon Walters, então Capitão e seu acompanhante como intérprete na sua visita ao “front” numa noite crítica de combate. Passamos a palavra a Vernon Walters:

“A integridade moral deste homem (Castello Branco) estava acima de qualquer desafio. Nos momentos de perigo, ele devia sentir medo, como qualquer outra pessoa, mas possuidor de uma auto-disciplina de ferro, era sempre capaz de manter sua calma imperturbável. Ele transmitia isto àqueles que o acompanhavam. Numa noite gelada de dezembro, às duas horas, eu fui acordado pelos estrondos do fogo de nossa artilharia de apoio caindo perto de nosso posto de comando. Preocupado continuei dentro de meu saco de dormir, relutando em levantar, ainda que consciente de que deveria fazê-lo. Finalmente saltei da cama e fui bater na porta do quarto de Castello Branco, mas ele já não estava. Desci até a 3ª Seção e o encontrei vestindo pesado capote e visivelmente preparando-se para sair. Perguntei-lhe o que estava acontecendo. Respondeu-me que não sabia, mas que algo estranho provavelmente ocorrera na ponte de Sila, cerca de três quilômetros ao Norte. A seguir, convidou-me para ir com ele, pois o IV Corpo provavelmente não demoraria em me chamar para saber o que havia acontecido. Nessa altura não tive dúvidas de que os alemães estavam na ponte de Sila e lá seríamos recebidos por eles, mas concordei em ir. Tentando esconder os meus 1,90 m atrás de seus 1,67 m, saí com ele, sentei-me no banco de trás do “jeep” e rumanos para a ponte de Sila, enquanto o bombardeio prosseguia. Chegando à ponte encontramos um grupo de soldados brasileiros. Castello Branco procurou o Tenente que os comandava e perguntou asperamente quem era ele e o que estava fazendo ali. O oficial, em posição de sentido, informou que ele e seu pelotão haviam chegado ao local naquela noite, vindos do centro de recomplemento de pessoal, situado bem à

retaguarda; que cerca de duas horas tinham sido atacados pelos alemães. Muito nervoso, o Tenente informou que milhares de homens louros e muitos altos tinham irrompido em nossas posições, gritando “heil Hitler”. Castello Branco encarou o oficial friamente e disse que não havia milhares de alemães naquela frente e que, desde a Tunísia, ninguém mais gritava “heil Hitler”. O Tenente, ainda muito nervoso, insistiu em sua versão, sendo interrompido asperamente por Castello Branco:

— O senhor tem ordens para abandonar a posição?

— Não, senhor.

— Então volte imediatamente para o seu posto.

— Coronel — disse o Tenente — estou disposto a morrer pelo Brasil, mas não quero que meu filho fique órfão por eu estar defendendo uma posição insustentável.

Castello Branco o olhou fixamente, desabotoou o coldre da pistola e ordenou:

— Tenente, vá imediatamente para a posição ou o seu filho será de fato um órfão antes que amanheça.

O oficial percebeu que a ameaça não era em vão e, visivelmente impressionado pela frieza das palavras de Castello Branco, bateu os calcanhares, fez a continência e, seguido por seus homens, desapareceu em silêncio dentro da noite, em direção ao seu posto. Seis semanas depois, o mesmo Tenente foi condecorado com bravura. A calma e a energia de Castello Branco fizeram com que o oficial e seus homens compreendessem que deveriam comportar-se como soldados do Brasil”.

Continua o Gen. Vernon Walters:

“Nem sempre se tem oportunidade de se observar um homem na guerra sub-

metido a tais pressões. A verdadeira grandeza da coragem e da energia de Castello Branco ficara claramente demonstrada para mim. Em nenhum momento o vi perder o humor ou a sagacidade. Sempre tinha um gracejo irônico ou um comentário mordaz. Dotado de inteligência brilhante, impacientava-se com a incompetência e não tolerava a fraqueza e a mentira. Nunca hesitou em expressar os seus pontos de vista, quer aos superiores hierárquicos, quer aos oficiais norte-americanos. Jamais o vi embaraçado, arrogante ou servil”.

Sua trajetória de Comandante e Chefe Militar, após ter alcançado o generalato, percorre o seguinte itinerário: Cmt. da 10ª Região Militar, Sub-Chefe do EMFA, ECEME, Escola Superior de Guerra, Cmt. da 18ª Região Militar, Diretoria Geral de Ensino de Formação, Diretoria Geral de Ensino, Cmt. do IV Exército, Chefe do Estado-Maior do Exército. Em todos estes postos, sua figura de chefe militar invulgar assentada no culto da *responsabilidade*, na *sólida força moral* e na *irradiante inteligência e cultura* postas a serviço da profissionalização e prestígio Exército foram inextinguíveis. A trajetória deixada pela passagem do Gen. Castello Branco em todos os postos da hierarquia foi balizada pela constante admiração por suas excelsas virtudes de cidadão e de Chefe Militar. Para os profissionais das armas, era um orgulho inigualável tê-lo como Comandante ou Chefe — o Marechal Mascarenhas de Moraes já o chamara, quando ainda Tenente Coronel, de “modelo e guia de oficial do estado-maior”. Nós todos os que com eles convivemos em inúmeros postos do seu generalato, somos unânimes em parafrasear o Comandante da FEB dizendo “modelo e guia de Comandante”.

Enfrentou duras situações na contra-versia e confrontações que se estabeleceram por ocasião da montante de subversão da esquerda que inundou o país nos anos de 1963 e começo de 1964, cuja gravidade maior estava na convivência do governo de então com o processo que visava, através da estratégia da guerra revolucionária que procurava confundir legalidade e direito, na sua meta de implantar no Brasil uma república socialista (pseudo sindicalista). Infelizmente, alguns profissionais das Forças Armadas, de Generais a sargentos e cabos, deram seu apoio aberto ou velado, a este processo que intentou a jugulação da democracia brasileira, gerando um clima de insegurança a que não ficaram imunes os nossos quartéis. Foi aí que cresceu e alcançou altura incomparável, a figura do General de Exército Humberto de Alencar Castello Branco, como Chefe Militar respeitado por sua autoridade moral e por seu alto discórdio da missão constitucional das Forças Armadas. O sentido correto dessa missão estava sendo posto em jogo pelos interessados na subversão.

Como Comandante do IV Exército posicionou-se claramente contra a tentativa de subverter a hierarquia na sua área pela intrusão das artimanhas sub-reptícias de comando paralelo (as ligações dos “generais do povo” com os “sargentos e cabos do povo” utilizando a rede de comunicações do comando).

Prontamente tomou medidas firmes e corajosas para coibir a tentativa de abuso, cujas origens estavam na convivência de altas autoridades instaladas nos palácios (os “generais do povo”), com a rede de “sargentos do povo”. Sabia que aqueles abusos traziam o beneplácito de altas autoridades. Não vacilou em cortar o mal pela raiz. Tamanha sua autoridade

moral, que ninguém teve a coragem de reclamar os encapuçados do comando paralelo, "encapuçados ficaram".

Nomeado Chefe do Estado-Maior do Exército, sentiu em cheio de perigos a que a Nação estava exposta, ante a extensão da infiltração subversiva que, estimulada por setores instalados no governo, tentava assegurar, pelo menos, imobilidade conivente das Forças Armadas, em nome de uma pretensa vontade popular, na hora em que a avalanche liderada por organismos espúrios — CGT, UNE, FPN, UBES, PUA, Clube de Sargentos, Clube de Cabos, desencadeasse o seu assalto ao poder.

Nesse período de apreensões, escreve o Chefe do EME a um amigo "A minha tomada de posição muito me tem preocupado no Estado-Maior do Exército. A situação é difícil e o 6º andar (EME) está mergulhado num desprestígio avassalador. Que fazer, como fazer?" N'outra carta do mesmo período "Fica-se bloqueado, neutralizado. Mas enquanto estiver aqui não desertarei da luta. Assim, o meu passatempo, quando fora do EME, longe de suas horas de trabalho, é constituído por estudos e preocupação".

O processo subversivo tendo à frente o próprio Chefe do Executivo e seus auxiliares diretos, chega ao auge da ameaça. No próprio Palácio das Laranjeiras, são articulados os golpes sucessivos contra democracia, a serem desencadeados em série — o comício da Central do Brasil, a revolta dos Marinheiros, a reunião dos Sargentos no Automóvel Clube com representações de todo o país. O primeiro ato da maré montante da subversão, o comício da Central do Brasil é realizado num grande cenário pré-montado, usando-se o Exército, a pretexto da manutenção da ordem, como decoração para

o espetáculo. Comparecem o Presidente da República, quase todo o Ministério, e entre estes o Ministro do Exército. Sobre a participação do Ministro do Exército nesse comício subversivo conta-nos o historiador Luiz Vianna Filho:

"Contou mais tarde o General Costa e Silva, na presença do General Ururahy que o Ministro do Exército dissera-lhe — "Não vou a este comício, já disse ao Presidente que não vou" — Também o Gen. Castello Branco, Chefe do EME, tivera a segurança da ausência do Ministro e transmitira-a a outros generais. Daí a surpresa com que, do próprio gabinete, no conhecido 6º andar, Castello viu o Ministro no palanque."

Continua Luiz Vianna Filho:

"O comício foi a gota d'água: ninguém mais duvidava sobre o rumo e os objetivos do Presidente e dos que o orientavam ou dominavam. O próprio General Castello Branco, até então cingido a um estado de contenção, não só visando preservar o Exército, mas também conservar-se leal aos ideais democráticos da Constituição, reconheceu que a observância da legalidade conduzia ao comunismo. Realmente, um regime do tipo fidelista batia às portas do país."

Daí ter o Chefe do Estado-Maior do Exército decidido expedir a famosa Circular de 20 de março de 1964, que teve a virtude de amalgamar o que de mais autêntico havia nas instituições armadas do país, na defesa da salvação dos ideais democráticos contidos na Constituição, dirigida aos Generais e demais militares do Estado-Maior do Exército. Em certo trecho dessa Circular afirma:

"Entrarem as Forças Armadas em uma revolução para entregar o Brasil a um grupo que quer dominá-lo para mandar e desmandar e mesmo para gozar o

poder? Para garantir a plenitude do grupamento pseudo-sindical, cuja cúpula vive na agitação subversiva cada vez mais onerosa aos cofres públicos? Para talvez submeter a Nação ao comunismo de Moscou? Isto sim, é que seria antipátria, antinação e antipovo.

Não, as Forças Armadas não podem atrair o Brasil. Defender os privilégios das classes ricas está na mesma linha antidemocrática de servir ditaduras fascistas ou anticomunistas."

Estava lançada a sorte do Exército naquela encruzilhada sombria da vida política nacional. Entre a lealdade a um governo que traía a Constituição e a lealdade à própria Constituição, a escolha estava feita.

Eciodiram numa seqüência de dias os novos desafios já esperados — a revolta dos Marinheiros, a reunião dos sargentos no Automóvel Clube. Chegara-se ao clímax. O povo, em Belo Horizonte e principalmente em S. Paulo (marcha por Deus, pela Pátria e pela Família), veio às ruas pedindo proteção das instituições contra a ousadia comunizante.

Estourou o 31 de março para conter essa avalanche comunista aliada ao aventureirismo peleguista. E para surpresa dos pregadores da desordem que anunciavam aos quatro ventos a força de seu dispositivo militar, lançado o rastilho em Minas Gerais, encontrou um Exército democrático sólido na defesa da preservação de uma sociedade livre neste país. O pólo de confiança para o qual convergiam todas as esperanças, de civis e militares, foi a figura destacada de um Chefe Militar, sem mancha, sem jaça, e de grande e cultivada inteligência — o General Castello Branco. Os acontecimentos que se seguiram levaram-lhe, naturalmente, ao poder, "que não pediu e não pleiteou". Seu passado de Chefe Militar grangeou-lhe a confiança da Nação.

O Estadista

O conceito de estadista tem merecido interpretações várias, de historiadores e cientistas políticos. O inglês Arnold Toynbee tratou da matéria com a sabedoria que o consagrou. Entre os americanos, Hans Morgenthau e Henry Kissinger, ambos de origem germânica, em seus livros procuraram trocar o perfil do estadista. Outros, como o francês Octave Aubry, nos seus estudos históricos, têm tentado chegar aos contornos dessa personalidade da política. Nossos cientistas políticos, Alberto Torres, Oliveira Vianna, Themistocles Cavalcanti, Afonso Arinos, também buscaram modelar os traços do homem do Estado.

Num ponto todos concordam: A missão do estadista é a de defender os interesses da Nação que representa. Será julgado pelos seus contemporâneos, pelos seus pósteros e pela história, levando em conta sua visão e seu valor na defesa do interesse nacional.

Perante a história, por exemplo, ninguém terá dúvidas no julgamento de um Churchill e de um Chamberlain, independentemente, do mérito particular de cada um.

A maioria dos estudiosos da ciência política e da história entende que o estadista é aquele que na direção dos negócios do Estado revela visão ampla dos problemas, orientação esclarecida e dedicação desinteressada nos superiores interesses nacionais. Outro conceito seria o de que, o estadista pensa devotadamente nos interesses do povo e do país, enquanto que o político pensa em interesses menores da política setorial ou nos seus próprios.

Castello Branco, realmente nos três anos em que governou o país, deixou a marca indelével de sua figura de estadista. E, já é a história que o consagra, pois

a sua imagem, a admiração nacional e internacional pela sua personalidade e sua obra, crescem cada dia que passa.

Vernon Walters, que serviu a cinco Presidentes dos Estados Unidos, acompanhando-os nas conferências internacionais mais importantes como "master of the idioms" como escreveu o ex-Presidente Johnson, assim se refere a personalidade de estadista de nosso homenageado de hoje:

"O Presidente Castello Branco foi um dos homens mais extraordinários que conheci no decurso de uma longa carreira, tratando com Chefes de Estado e outras personalidades importantes. Seu espírito ágil e sua capacidade de apreender os problemas mais complexos impressionaram-me de imediato. Seu senso de humor e sua habilidade em ser sarcástico até consigo mesmo marcavam sua personalidade singular. À medida que o fui conhecendo melhor, o que talvez mais tenha despertado minha admiração foi sua inteligência brilhante, seu interesse por todos os problemas, e sobretudo, sua extraordinária integridade pessoal."

Diz John Foster Dulles:

"Gradativamente, as características do novo Presidente do Brasil tornavam-se conhecidas. Castello Branco recusava a omitir-se de qualquer tipo de responsabilidade, mesmo as desagradáveis, tomava decisões mais graves e as enfrentava. Era do seu feito de governo o estudo das situações em grupo" (conjuntamente com os Ministros responsáveis e alguns especialistas convocados).

O Embaixador Roberto Campos, seu Ministro de Planejamento, novo ministério criado pelo primeiro governo da Revolução, assim se expressa:

"Ele nunca foi sujeito a medo, desânimo ou preconceito. Neste sentido ele

alcançou aquele tipo de glória que Charles De Gaulle certa vez descreveu como "la plus grande gloire du monde: celle des hommes qui n'ont pas cédé"."

Luiz Vianna Filho assim analisa o estadista:

"Difícilmente haverá personalidade mais rica e mais completa do que a do Presidente Castello Branco, que aliava a energia do Chefe à visão do Estadista. Era dos que conservavam autoridade inata, embora havendo bebido o leite da ternura humana."

E mais adiante:

"Não lhe importava o peso das responsabilidades que sempre se recusou a repartir com os auxiliares, por mais presentes que houvessem sido numa decisão. Das múltiplas facetas em que se dobra a sua vigorosa personalidade, poucas tão marcantes como a bravura de se manter sobranceiro ante a impopularidade. Virtude sem a qual não teria levado a bom termo a ciclópica obra empreendida. A menor fraqueza, a mais leve concessão, qualquer vacilação teria feito malograr muito do que se fizera em árduos sacrifícios. Ele possuía, porém, a convicção de lhe caber enfrentar e suportar as agruras de um governo de "entressafra" isto é, um duro período de se-mear sem colher. E nada o demoveria visto que tinha como a missão a ele confiada pela Revolução. A colheita seria de outros."

Seguindo, Luiz Vianna Filho:

"Acreditamos emergirá aqui (deste livro) a figura do Chefe de Estado incansável em restaurar moral e materialmente o país. Um país que recebera devastado pela mais grave crise política, social, econômica e financeira de sua história, e que integrou colocado no caminho do progresso e da segurança. Fê-lo, nisso também, fiel a sua formação, graças a